A Casa da Comédia (1946–1975)
De Fernando Amado a Bertolt Brecht

Rui Pina Coelho

A Casa da Comédia, nas palavras de Fernando Amado (1899–1968), seu fundador e mentor, "nasceu como nascem todas as coisas bonitas. Nasceu quase sem sabermos como...". Contudo, a sua história tem que se contar a dois tempos.

O primeiro tem origem na secção de teatro do Centro Nacional de Cultura intitulada Casa da Comédia, e traduz-se em duas apresentações públicas: em Junho de 1946 e em Maio de 1947, no Teatro do Ginásio. Este grupo vai partilhar algumas afinidades estéticas com o movimento de teatro experimental que, no Portugal do pós-Segunda Guerra Mundial, se caracteriza por uma ânsia de renovação e actualização. São alguns intentos isolados, realizados sobretudo por amadores, que não ultrapassam o habitual reduto da classe intelectual lisboeta. Trata-se de um experimentalismo que se vai reflectir menos no arroio de inovadoras propostas cênicas, do que numa atitude de divulgação de obras e autores, na valorização de uma ética em relação ao trabalho teatral, e na rejeição dos interesses comerciais e das convenções da profissão.

A Casa da Comédia, depois destas duas apresentações, acaba por desaparecer. Reaparece cerca de vinte anos depois, animada pelo mesmo director, com a mesma designação, mas desta feita como um grupo de teatro com um espaço próprio e com um núcleo de actores (amadores) relativamente estável, sendo este o segundo momento da sua história.

O primeiro espectáculo da sua primeira fase de vida (1946/47) consiste numa apresentação única a 16 de Junho de 1946, no Teatro do Ginásio, do capricho teatral de Fernando Amado, A coia da Pandora. De uma maneira geral, é recebido como uma "lufada de ar fresco". Adalfo Casais Monteiro, no Mundo Litterário, escreve que "a representação de A coia da Pandora deve ser saudada como a mais animadora experiência" feita recentemente em palcos portugueses.

Animado por esta recepção, a 30 de Maio de 1947 o grupo volta a apresentar-se ao público no mesmo teatro, desta vez com cinco textos de Fernando Amado: a reposita do capricho teatral A coia da Pandora, precedida dos "debutos teatrais". O meu amigo Barroso, Música na igreja e O lorão, e do sainete Novo mundo. Em relação a este espectáculo, João Pedro de Andrade - que não assistira à primeira apresentação da Casa da Comédia - declara...
que a reposição de A caixa de Pandora, a um ano de distância, não é oportuna. Para além disso, sendo um autor e um crítico teatral animado pelo mesmo espírito de renovação teatral que presidia às iniciativas da Casa da Comédia, declara que o texto de Amado não lhe pareceu "suficientemente convincente na doutrina nem na forma como está exposto".

O que ressalta da recepção a estes espectáculos é a expectativa criada e a exigência que é posta em relação aos chamados grupos experimentais. Embora algumas apresentações tenham resultado em espectáculos mais frágeis, ressalta-se o renascimento do amor pelo teatro em pequenas iniciativas puras, aparentemente ingênuas, que se contrapõem à futilidade e ao comercialismo da maioria do teatro profissional.

A Casa da Comédia enquanto grupo de teatro com sede própria é fundada em 1962, mas as suas portas só são abertas em Julho de 1963. Entre estas duas datas são feitas as obras que transformam uma antiga cavernária numa sala de teatro. É assim que na Rua S. Francisco de Borja, nº 24, às Janelas Verdes, nasce o que vai ser uma das mais estimulantes salas de espectáculo de Lisboa: o Teatro de Bolso de Lisboa - Casa da Comédia. A escolha do espaço é motivada por um discreto anúncio num jornal lisboeta: "Barreca precisa-se com área aproximada de 150m2". O que se irá aí construir é um pequeno Teatro de Bolso, decorado por José de Almada Negreiros, com capacidade para cerca de 100 espectadores, com um palco de 6,30 por 7 metros, caixa para orquestra, camarins sobre o palco, apto também como sala de conferências.

Destinava-se a ser uma oficina teatral onde se pudesse "experimentar" sem pressões de tempo. Muitos dos que então se reunem em torno de Fernando Amado virão a ser figuras proeminentes do teatro contemporâneo em Portugal, como Fernanda Lapa, Manuela de Freitas, Maria do Céu Guerra, Santos Manuel, Glória de Matos, entre muitos outros.

No início da actividade, sem subsídios de qualquer espécie, a actividade da Casa da Comédia era suportada pela cotização dos sócios. Não sendo cobrados bilhetes nem havendo folha de pagamentos, era magro o orçamento, mas era dele que se faziam pagar as despesas de funcionamento como a electricidade, os cenários ou os programas. Este amadorismo, partilhado por muitos colectivos seus contemporâneos, é, regra geral, sinónimo de experimentalismo. Num quadro onde até o teatro comercial - que dominava a cena portuguesa - se encontra ameaçado pela falta de espectadores, Fernando Amado não hesita em proclamar: "Aquí podemos fazer teatro autêntico, teatro de vanguarda. Reclamando uma liberdade estética e repertorial, o seu "programa de trabalho" deixa entrever alguns eixos norteadores da sua actividade. É não é pequeno o momento quando chamam a si objectivos tão vastos como: revelar e representar novos autores portugueses, levar à cena autores portugueses clássicos e modernos; apresentar autores estrangeiros que possam valorizar culturalmente a dramaturgia portuguesa; criar uma Escola de Formação de Arte de Teatro; realizar conferências e palestras por autores, encenadores, críticos ou ensaiistas, nacionais e estrangeiros; apresentar espectáculos de qualidade destinados aos mais diversos tipos de público (tais como operários fabris, aglomerados agrícolas ou associações recreativas), fazendo acompanhar essas representações de práticas explicações dos temas tratados e das noções gerais da arte cénica; estabelecer intercâmbios com instituições teatrais, nacionais e estrangeiras, com o fim de promover a aprendizagem teatral dos seus associados; promover e facilitar a presença de actores e técnicos em festivais de teatro nacionais e estrangeiros; para além da publicação de um boletim mensal e da obtenção de descontos para os seus sócios noutros espectáculos em Portugal.

Para a inauguração do novo espaço são escolhidos Verbo escuro e Regresso ao paraíso de Teixeira de Pascoaes,
estreados a 19 de Julho de 1963. O espectáculo, que consistia na dramatização de nove poemas de Teseu de Pascoaes e na representação em pantomima de Regresso ao paraíso, é saudado pela imprensa, sobretudo, por três motivos: pela inauguração de um novo espaço teatral para a cidade, pela feliz escolha dos textos e pelo desempenho do colectivo. O facto de na estreia se ter optado pela encenação de poemas revela uma preocupação singular com uma linguagem teatral não divorciada das qualidades poéticas. Trata-se da procura do "essencialismo" teatral em que o poder evocativo da palavra substitui outros recursos técnicos. É ainda de realçar a maior intimidade com o espectador – anapaógio de um teatro de bolso –, e a centralidade do encenador. A "poesia em cena" exige, com efeito, um local puramente teatral, o que parece ser a definição da própria Casa da Comédia.

Idêntica argumentação justifica a encenação de poemas de Jean Cocteau na homenagem que a Casa da Comédia lhe faz. Fernando Amado encena, do poeta francês, e monólogo O mentiroso e o poema dramático O pobre marujão (Abril de 1964), intervalados pela declamação de vários poemas por Maria do Céu Guerra. A presença da palavra poética no repertório da Casa da Comédia materializa-se também noutras actividades aí realizadas, tais como recitais, conferências subordinadas a este tema e palestras com poetas.

O valor da poesia em cena liga-se com outros dos eixos estruturantes do repertório do grupo nesta sua segunda fase de existência (1962-65): a montagem de textos originais encenados pelos seus próprios autores. Para além dos pequenos textos de Fernando Amado (O pensador, Descobri uma estrela e O iconoclasta), são apresentados em encenação dos seus autores, no Verão de 1964, a Invenção da descoberta de José d'Orey e, de Francisco de Seara Cardoso, A reconstituição As avestruzes. Ainda sem obra publicada, estes autores viam na colaboração com o grupo uma forma de dar a conhecer a sua escrita.

A dimensão poética do texto é também o que justifica, e desta vez já com a direcção de Fernando Amado, a escolha de Loa para o Auto do Divino Narciso ( Fevereiro de 1964) de Soror Juana Inez de la Cruz, um diálogo alegórico entre o Zelo, a Religião, o Ocidente e a América, que é mote para pôr em cena a conquista do México Azteca e as suas nefastas consequências civilizacionsais.

O apoio à depropuração e à ausência de artifícios cénicos, aliado a uma atitude pedagógica para com os actores e demais colaboradores, é também o que explica a significativa presença de Gil Vicente nesta fase da Casa da Comédia. Aíndia antes do espectáculo todo ele dedicado ao clásico português — Recital vicentino (Setembro de 1964) —, Amado encena o Auto da Índia, Os mistérios da Virgem [do Auto de Molina Mendes] e a Farsa de Inês Pereira. Apresentados em conjunto com outros textos, são como que a preparação para um grande espectáculo vicentino.

A constituição do repertório da Casa da Comédia sob a direcção de Fernando Amado faz-se igualmente com textos representantes de uma dramaturgia moderna. E neste capítulo incluem-se Desejo-se mulher (Novembro de 1963), e Antes de começar (Dezembro de 1964), ambos de Almada Negreiros, apresentando-se este último de rideau juntamente com O iconoclasta ou o pretendente imaginário de Amado (Dezembro de 1964), como "um recital de teatro moderno".


A terceira fase da vida da Casa da Comédia (1965-75) tem início com Monte e vida Severina (Janeiro de 1965) de João Cabral de Melo Neto, dirigido pela encenadora brasileira Maria Barreto Leite e com a participação de muitos nomes novos, como foi o caso de Filipe Faéria e de Vicente Galho. Entretanto, sem a figura tutelar de Fernando Amado por perto, muitos são os que se afastam do grupo, procurando novas experiências, embora alguns, mais tarde e em diferentes contextos, regressem à pequena oficina de teatro que os fez actores. Nesta terceira fase, as encenações deixam de ter a (quase) exclusividade de uma só mão, passando a envolver outros elementos: uns, colaboradores próximos do grupo, descobrem na encenação uma outra componente do trabalho teatral; outros respondem a convites da direcção, trazendo consigo uma pluralidade de olhares e experiências; outros ainda, chegando de fora à Casa da Comédia, por já vão ficando, descobrindo nesta "Casa" um espaço aberto à experimentação. De toda esta panóplia, dois nomes se destacam, quer pelo número de encenações que realizaram com o grupo, quer pela projeção que vão alcançando no panorama teatral português: Norberto Barroca e Jorge Listopad.

Mas ainda antes do primeiro trabalho nesse campo de Norberto Barroca, a Casa da Comédia apresenta, em
Desembro de 1966, Zé Broa no Far-West de Francisco Esteves, encenado pelo autor, e Os demandistas (Les plaidieux) de Racine, com encenação de Serge Farkas. A história de Zé Broa e do seu burro Catarino, que se vêem enredados num problema de heranças, bandidos e xerifes, é um espectáculo de teatro para a infância, antecedido por duas experiências de fanteoches, e traz consigo a gênese daquelas que são duas das vertentes importantes do grupo nesta sua terceira fase de vida: o teatro para a infância e o teatro de marionetas.


Em Fevereiro de 1967, Norberto Barroca, colaborador de longa duração de Fernando Amado, estreia-se na encenação com Noites brancas, uma adaptação do conto homônimo de Dostoiévski. Este é o primeiro de uma série de espectáculos encenados por Norberto Barroca, que se torna assim um dos principais executantes da ideia teatral do grupo e também aquele que está mais próximo do legado de seu Mestre. Na sua segunda encenação, é ainda mais fácil reconhecermos a herança de Fernando Amado: Á procura da verdade, uma homenagem a Pirandello (Janeiro ‘68), na qual, entre outros textos coligidos pelo encenador, se representam a peça em um acto O torno e Sonho... mas talvez não. Trata-se de um tributo à "estrela maior" da "constelação de referências" da Casa da Comédia.

A terceira encenação de Barroca para a Casa da Comédia faz-se sob o signo da urgência. A equipa da Casa da Comédia acelera os ensaios de A caixa de Pandora, trabalhando ainda com Amado no início dos trabalhos, naquela que seria uma justa homenagem ao mentor do grupo. Mas a morte nunca atende aos ritmos dos ensaios de teatro e Fernando Amado, a 23 de Dezembro de 1968, parte. A caixa de Pandora, a sua peça-manifesto, só estreará em Março de 1969. Este será, então, o primeiro espectáculo da Casa da Comédia após a morte do seu fundador. No programa, a dimensão de tributo assumiria letra grande. Afonso Botelho, Victor Silva Tavares, João Osório de Castro e Norberto Barroca deixam as linhas emocionadas, evocando a estreia deste texto no Teatro do Ginásio e o legado artístico e humano que Amado deixou em cada um deles.

Norberto Barroca, em 1969, encena ainda mais dois espectáculos: Fando e Lis, a caminho de Tar, de Arrabal, e, de José Régio, Mário ou eu próprio, o outro, ambos com
O Fando e Lis de Fernando Arrabal merece o seguinte comentário de um censor da Comissão de Exame e classificação de Espectáculos: “não compreendendo sequer o seu alcance e significado, melhor, a sua mensagem, se é que a tem”. Mas, se o censor não percebeu, Norberto Barroca, captou bem o seu sentido. No programa do espectáculo declara: “É muito difícil chegar a Tar - impossível mesmo –, mas quando se tem por que lutar, talvez o caminho se torne mais fácil. É preciso continuar, e não destruirmos os nossos próprios sonhos”.

Mario ou eu próprio, o outro é uma homenagem a Mario de Sá-Carneiro, e consiste numa seleção de poemas do poeta e na representação da peça de Régio. Espectáculo modesto, é a regresso da poesia e da geração do Orfeu à Casa da Comédia, local onde foram sempre tão bem recebidas por Fernando Amado. Será com esta encenação que Barroca terminará uma série de trabalhos com o grupo. De todos os encenadores que colaboraram com o grupo nesta terceira fase de vida, Barroca foi o mais profícuo e aquele em que se pode observar com mais clareza a herança do ideário teatral de Fernando Amado.

Em 1968, a Casa da Comédia abre-se enquanto espaço de experimentação a elementos externos ao habitual círculo de colaboradores: Glicínia Quartin, Artur Ramos, Ruy Furtado e João Abel Manta vêm aí estrear Dias felizes, de Samuel Beckett, em tradução de Jaime Salazar Sampaio. Apesar de, na equipa técnica do espectáculo, estarem, em posições de assistência, elementos regulares do grupo – Norberto Barroca (montagem), Rui Anjos/Filipe La Féra (assistência) – a Casa da Comédia assume aqui a qualidade de entidade que acolhe um trabalho exterior. Não obstante isto, Dias felizes entra para o repertório do grupo.


Mas voltamos cronologicamente um pouco atrás, ao ano de 1969 – ano de grande actividade para a Casa da Comédia. Para além das três encenações de Norberto Barroca, estreia também A dança do morte, de August Strindberg (Maio de 1969), com encenação de Jorge Listopad, um espectáculo que vai ser considerado um dos acontecimentos mais significativos desse ano teatral. É a primeira de quatro encenações de Listopad com o grupo das Janelas Verdes. O encenador e os actores que compõem
a equipa de trabalho chegam mais uma vez de fora do habitual círculo de colaboradores, seduzidos pela experimentação que ali se permite. O elenco reúne Carmen Dolores, Augusto de Figueiredo e Álvaro Benamor, actores de crédito reconhecido na cena nacional.


Os trabalhos de Norberto Barroca e Jorge Listopad constituem o mais significativo do repertório da vida da Casa da Comédia após a direcção de Fernando Amado. Contudo há vários encenadores que, de forma avulsa, aqui descobrem espaço aberto para projectos pessoais e de experimentação. Logo em 1967 (Maio), Manuela Machado traduz, adapta e interpreta as cartas de Mariana Alcoforado, em Sorte Mariana, o freio de Beija, um espectáculo assinado por Francisco Relógio e Filipe do Faria. É o mesmo o caso de O lho de gis, de Tone Bruelin (Julho de 1967), autor que voltará à Casa da Comédia, em 1969, para ministrar um curso sobre o "teatro pobre de Grotowsky". Também João Osório de Castro, que assumirá o papel de director do grupo, decide, em Dezembro de 1970, tentar a encenação, dando cumprimento a uma ideia não concretizada de Fernando Amado: a representação de peças em um acto de Ramon del Valle-Inclán: A cabeça do Baptista, Loja de sangue e Socrático.


O ano de 1972 vai ser um ano muito profícuo no pequeno teatro da Janelas Verdes. Logo depois das apresentações das duas peças de Arrabal, durante o mês de Março, Play Strindberg anda pelo país integrado no III Ciclo Gulbenkian de Teatro, chegando à Casa da Comédia em Abril. Isto obriga a que uma outra parte do grupo ensaiie na sala de festas da Sociedade Ordem e Progresso Desexa-se mulher, de Almada Negreiros, estreando em Junho na sala do grupo. Umas semanas depois, estreia-se A canção da viva do grande D. Quixote de la Mancha e do gardo
Sancho Pança, de António José da Silva, no Palácio Galveias, em Lisboa. É o ano não terminará sem que a Casa da Comédia apreseente Leandro e Lena, de Büchner, e Alice no jardins do Luxemburgo, de Weingarten. Muito para um pequeno teatro experimental, como adante se verá.

Deseja-se mulher, é uma homenagem ao mestre modernista que morreu em 1970 - assinalando a décima temporada da Casa da Comédia e o décimo aniversário da estreia deste mesmo texto pela mão de Amado. Tem agora encenação de Fernando Lapa, naquele que é o seu "regresso à casa". Mais do que em qualquer outro espectáculo desta terceira fase da Casa da Comédia, sente-se uma aproximação à época em que Fernando Amado dirigia o grupo, ainda que em interpretação desafiadora.

Entretanto, o espectáculo sobre a peça do Judeu é apresentado ao ar livre, nos jardins do Pacifio Galveias, recreando-se um ambiente de feira e carnal. No ano de 1972, esta a segunda encenação de que o texto do Judeu é alvo: a primeira é a de Joaquim Benitez, para o Grupo de Teatro do Colômbia Atlético Clube. Estes dois espectáculos são pretexto para que, na imprensa, se de a perceber (uma vez mais) a reivindicação por um teatro mais politizado - terreno em que a Casa da Comédia decididamente não se movia, mas que inspirava indiscutivelmente o trabalho de Benitez. Embora, de uma maneira geral, se elogiasse a realização plástica das Galveias, plena de cor e movimento, bem como alguns achados de encenação, acabava por ser motivo de desilusão a ausência de uma construção crítica sobre a actualidade. O jovem crítico Jorge Silva Melo escrevia: "tudo se amontoa e nada se compreende em Peyroteo: tudo se explica e tudo se chama para a nossa actualidade social em Benitez."

Era verdade que o trabalho na Casa da Comédia se pautava mais pela pesquisa artística e por um teatro que não encontrava no social a sua motivação, lá-se mantendo, tanto quanto era possível, alheado dos ventos que, no Portugal de 1972, anunciavam já outras marés.


Mas voltamos, por uns parágrafos apenas, de novo aos tempos do período anterior a essa data, para darmos conta, mais detalhadamente, de duas vertentes dos interesses da Casa da Comédia nesta terceira fase de vida: o teatro para a infância e o teatro de marionetas.

O primeiro destes interesses - o teatro para a infância - para além de Zé Broa no Far-West, de Francisco Esteves
[1966], é consubstanciado na realização de As em moedas de ouro, de Michel Demuyck (Dezembro de 1970), O rapto dos rebolinhos, uma comédia policial infantil de Maria Clara Machado (Março de 1971) e A cigarra e as formigas, de Isabel da Nórega (Dezembro de 1971). Numa altura em que este gênero de teatro vai ganhando cada vez mais adeptos e respeitabilidade, o grupo das Janelas Verdes vê-se também envolvido nesta campanha. Mas a actividade mais significativa relacionada com o teatro para a infância é aquela que se integra na iniciativa “Ao encontro do teatro”, desenvolvida de 1971 a 1974 em colaboração com o Instituto de Meios Audio-Visuais de Educação (I.M.A.V.E.)[10], e destinada a alunos do ensino primário e secundário. Levada a cabo na sede da Casa da Comédia e em vários liceus de Lisboa, a iniciativa envolveu actores como Carmen Dolores, Glicínia Quarén, Manuela de Freitas, Isabel de Castro, Irene Cruz, Clara Joana, Fernanda Alves, Graça Lobo, Norberto Barroca, Álvaro Benamor, Augusto de Figueiredo, Paulo Renato, Raul Solnado, Rui Mendes, Manuel Cavaco, entre muitos outros. Esta colaboração serve ainda para a Casa da Comédia estrear mais dois espectáculos: Mestre Gil vai às escolas e Escola de domadores, ambos escritos e refeitamente por João Osório de Castro para esta iniciativa. Escola de domadores (1973/74) teve a particularidade de ser encenada por João Lourenço, que, sobre esta sua nova experiência teatral, declara ao Diário de Lisboa: “Estou a tratar este espectáculo com um carinho e um cuidado especial, como se fosse o mais importante da minha carreira. Vejo isto como uma experiência muito importante”[11].
Pelo seu lado, o teatro de marionetas tem em Francisco Esteves o seu maior cultor. A convite de Fernando Amado, João Osório de Castro e Luís Sande Freire, o marionetista desenvolveu aí a sua actividade, fazendo deste tipo de teatro também um dos interesses do grupo: desloca-se por todo o país, promovendo cursos e apresentando espectáculos.

O teatro para a infância e as marionetas são, assim, também uma face visível da açãoção dinamizadora e culturalmente intervencional da Casa da Comédia, a par da sua actividade enquanto grupo de teatro experimental. Mas a sua linha programática e os interesses são alterados quando se dá o 25 de Abril. Corta-se com as linhas estéticas e culturais que tinham prevalecido até ali e, um pouco à semelhança do resto do panorama teatral português, rumase em direcção a um teatro de natureza mais política.

Em Julho de 1974, com a revolução acabada de estrear, Norberto Barroca regressa para encenar Um barco para Ilha e outros poemas, de Manuel Alegre, um espectáculo de teatro, poesia e música. Com As espingardas da mãe Correr, de Bertolt Brecht (Janeiro de 1975), a mudança de rumo é clara. O teatro épico, o teatro político, finalmente livre, chega à Casa da Comédia. A encenação é de João Lourenço – o primeiro dos vários Brecht que fará –, e possibilita a Carmen Dolores o seu primeiro Brecht, num espectáculo, contagiado pelo fervor pós-revolucionário, que não deixava esquecer que a vivinha Espanha ainda era governada por Franco.

Nesses anos de democracia recém-adquirida, nem a sociedade nem o teatro vão parar de mudar. E, consequentemente, a Casa da Comédia mudará também. A 18 de Junho de 1975, constitui-se em sociedade artística o Grupo de Trabalhadores da Casa da Comédia, com sede na Rua S. Francisco de Borja, n.º 24, com o objectivo de trabalhar para um público mais vasto e menos favorecido, usando preferencialmente textos portugueses, já teatralizados ou coligidos pelo grupo, e dando atenção ao contexto sócio-político.

A terceira fase de vida da Casa da Comédia encerrava-se aqui. Contudo, a Casa da Comédia, uma carvoaria feita teatro de bolso, um espaço para a prática do teatro que a ideia de Fernando Amado e a paciente dedicação de muitos outros ofereceram à cidade, essa, irá continuar ainda que noutras modalidades e com diferentes protagonistas.